

AMÉLIA BORGES RODRIGUES, EMPRESÁRIA

CASCAES / 1937, 7'

WISEU: A CIDADE-JARDIM DA BEIRA INTERIOR / 1936, 3', sem som

MOGADOURO E MONCORVO / 1934, 3', sem som

GERÊS / [1934], 5', sem

GUIMARÃES / 1935, 5', sem som

RÉGUA / [1934], 2', sem som

ALGARVE / 1934, 10', sem som

MIRANDELA E FREIXO / 1935, 5', sem som

VIANA DO CASTELO / [1934], 10', sem som

CANTANHEDE / 1936, 8', sem som

filmes de AMÉLIA BORGES RODRIGUES

Realização e narração do primeiro filme (atribuídas): Amélia Borges Rodrigues / *Música (primeiro filme)*: [Alfredo] Marques Coelho / *Produção*: Amélia Borges Rodrigues, Celeste Bastos y Lago (Brasil, Portugal, 1934-37) / *Laboratório de som (primeiro filme)*: Brasil Vita Filmes / *Cópias*: da Cinemateca Portuguesa, 35mm, preto e branco / *Apresentação à Direção Geral de Espetáculos*: entre 26 de outubro de 1934 e 11 de fevereiro de 1937 / *Primeiras apresentações na Cinemateca*: 12 de julho de 2016 ("Foco no Arquivo: Viagens").

Duração total da projeção: 62 minutos

Sessão apresentada pela investigadora Sofia Sampaio e acompanhada ao piano por Catherine Morisseau.

Amélia Borges Rodrigues (1902-1945) foi uma empresária de cinema que, entre Portugal e o Brasil, assumiu diferentes funções: a realização, a produção, a montagem e a composição musical (a sua primeira área artística era a música – pianista e cantora –, mais tarde virar-se-á para a pintura). Estão-lhe atribuídos mais de 50 pequenos documentários de cariz paisagístico, ainda que só se conservem materiais mudos, incompletos ou fragmentários de cerca de metade. Subsiste, ainda assim, um filme completo e sonoro, **Cascaes**, narrado pela própria (presume-se) e onde aparece com a sua amiga e colaboradora Celeste Bastos y Lago (numa "selfie" com o recém-empossado Presidente "General" Óscar Carmona) – o filme não credita a realização, mas credita as duas com a produção.

A ficha técnica desse filme induz, desde logo, a uma série de especulações. A presença do compositor luso-brasileiro Alfredo Marques Coelho e a utilização do laboratório de som Brasil Vita Filmes (da atriz e realizadora portuguesa naturalizada brasileira Carmen Santos) indiciam que o filme terá sido – pelo menos em parte – feito em terras brasileiras, pelo menos no que respeita ao trabalho do som (se bem que os materiais deste filme, como de todos os outros, tenham sido identificados, na década de 1980, no acervo da Tóbis Portuguesa). Ou seja, não é certo em que local terá o filme (e os filmes) sido (pós-)produzido(s), mas é certo que todos terão sido rodados em Portugal (pela inevitabilidade das paisagens e dos locais retratados).

No entanto, como salientou a investigadora Sofia Sampaio, há vários indícios (em notas de imprensa, em entrevistas e num contrato) que algumas imagens das paisagens portuguesas utilizadas por Amélia Borges Rodrigues nos seus filmes terão ter sido recicladas do espólio de um operador de câmara luso-brasileiro, Silvino Santos, espólio esse produzido no final da década de 1920 (originalmente mudo e que Borges Rodrigues havia sonorizado com música e narração). Não parece ser o caso (pelo menos na totalidade) dos filmes desta sessão. A começar pela presença de Óscar Carmona na sua residência em Cascais (algo que só aconteceria depois de 1929), mas mais especificamente pela referência ao Presidente do Conselho Oliveira Salazar,

que só tomaria posse como tal em 1932. Além disso, é possível identificar, ao longo dos filmes desta sessão, edifícios e monumentos que foram inaugurados apenas em 1933 ou 1934, comprovando que (nem todas – se é que algumas) as imagens terão sido filmadas por Silvino Santos.

A isso junta-se outro indício (este em sentido contrário): uma reportagem para o *Cine Jornal* de 1936 explica que a dupla teria algum tipo de ligação ao operador/diretor de fotografia Aquilino Mendes. Terá sido ele que, segundo as indicações de Amélia Borges Rodrigues, fez as imagens de que agora se apresentam os materiais sobreviventes? Não sabemos. Nem isso, nem muita outra coisa que envolve estes filmes e o percurso cinematográfico de Amélia Borges Rodrigues (e Celeste Bastos y Iago). O que sabemos é que os materiais que hoje se apresentam (com exceção de **Cascaes** que tudo indica estar completo) correspondem a brutos (*rushes* não montadas) ou cópias de montagem – havendo mesmo a hipótese de se tratarem, nalguns casos, de material descartado aquando da montagem dos filmes.

Sabemos também que alguns filmes tiveram estreia no Brasil e sessões especiais em Portugal, há referência à circulação destas curtas-metragens pelo circuito das “colónias” e, mais importante, há o registo de 53 títulos na Direção Geral dos Espectáculos portuguesa. 53 títulos registados entre o final de 1934 (o mais antigo é **Terra Portuguesa - O Minho**, filme de longa-metragem com 2100 metros – este composto com imagens de Silvino Santos, mas do qual parece que não se conservaram materiais) e o início de 1937 (um dos últimos registos corresponde, nem de propósito, a **Cascaes**). Com exceção de **Vidago e Pedras Salgadas**, que foi apresentado pela distribuidora Lisboa Film, todos os outros 52 títulos foram apresentados à Direção Geral pela própria Amélia Borges Rodrigues. Estas indicações confirmam que os filmes não só foram concluídos (temos as suas metragens, a maioria entre 100 e 200 metros – havendo dois que saem desse intervalo, o referido **Vidago e Estoril - Praia elegante da Costa do Sol**) como havia intenção de os apresentar publicamente em Portugal. (Se bem que o pedido de licenciamento à DGE não implicava que os filmes viessem a estrear de facto.)

Dos materiais que se conservam (a que foram atribuídos 24 títulos diferentes – com base na interseção entre as regiões filmadas e as entradas da DGE), todos datados pelos *stocks* da película entre 1934 e 1937 (o que coincide com as restantes datas) é possível perceber que a obra de Amélia Borges Rodrigues é composta integralmente por filmes de pendor turístico, dedicados a cidades, municípios ou regiões de Portugal. Supõe-se que estes filmes tinham como propósito serem difundidos junto das “comunidades portuguesas”, tanto no Brasil, como no dito Ultramar, tentando assim capitalizar o “mercado da saudade”, isto é, dando a ver aos portugueses emigrados imagens das suas terras natais. De perfil pitoresco, os filmes (ou melhor, os materiais sobreviventes) de Amélia Borges Rodrigues revelam um país maioritariamente rural (muitos dos filmes urbanos perderam-se ou não foram ainda preservados: caso de **Lisboa e Coimbra – A Formosa Cidade Universitária**) idealizado pela saudade, onde a tendência para o cartão-postal atravessa quase todas as imagens.

A presença humana é muitas vezes remetida para segundo plano (predominando planos paisagísticos), porém, de quando em vez, irrompem dessas vistas gerais encantadores rostos ou planos de forte beleza plástica: vejam-se aqueles reflexos nas piscinas de **Gerês**, vejam-se aqueles “travellings” sobre as vinhas do Douro captados a partir da linha dos comboios, vejam-se os recortes naturais impostos pelas rochas tanto em **Mogadouro** como em **Algarve**, vejam-se os grandes planos de flores e dos animais em **Mirandela**, etc., etc.. Mas é na sua faceta mais “folclórica” (que, de algum modo, é também mais “etnográfica”) que de súbito se revela o poder desarmante dos rostos das raparigas que sorriem, envergonhadas, como se posassem para uma fotografia. Nesse sentido, os últimos planos de **Cantanhede** são absolutamente deslumbrantes.